

10

A RESSURREIÇÃO DE
JESUS NA VISÃO DE
WOLFHART
PANNENBERG:
UMA ANÁLISE DO
DISCURSO RELIGIOSO

David Mesquiati de Oliveira

Doutor em teologia, professor no Programa de
Pós-Graduação em Ciências das Religiões da
Faculdade Unida de Vitória.

RESUMO

Neste artigo buscou-se fazer uma análise do discurso religioso sobre a ressurreição de Jesus a partir do pensamento de Wolfhart Pannenberg, um dos maiores teólogos protestantes contemporâneos. Pannenberg sustenta que a ressurreição de Jesus teve um caráter revelador e universal, porquanto antecipou o *fim* da história universal. Esse teólogo deu-se a conhecer opondo-se ao programa desmitologizador de seu mestre R. Bultmann, afirmando que revelação e história são categorias teológicas significativas e que a ressurreição de Jesus é o eixo sobre o qual gira todo o cristianismo.

Palavras-chave: Análise do Discurso religioso; Pannenberg; Ressurreição.

INTRODUÇÃO

O teólogo luterano Wolfhart Pannenberg, nascido em 1928 em Stettin (hoje Polônia), foi professor de teologia sistemática em Heidelberg, Wuppertal, Mainz e Munique. Deu-se a conhecer opondo-se ao programa desmitologizador de seu mestre R. Bultmann, afirmando que revelação e história são categorias teológicas significativas e que a ressurreição de Jesus é o eixo sobre o qual gira todo o cristianismo (LACUEVA, 2001, 463). Pannenberg sustentava que a ressurreição de Jesus teve um caráter revelador e universal, porquanto antecipou o *fim* da história universal. Esse é tema do primeiro tópico. No segundo, uma análise sobre as principais implicações da ressurreição de Jesus para o Cristianismo.

TEOLOGIA DA HISTÓRIA OU TEOLOGIA DA RESSURREIÇÃO

O *fato* da ressurreição é tratado como ponto crítico da fé cristã e enfatizado por Pannenberg. Apoiar-se na confissão neotestamentária do Cristo que foi morto e ressuscitou: "E, se Cristo não foi ressuscitado, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé" (1 Coríntios 15.14).

Esse acontecimento único não seria dominado pela experiência. Ele defende que a fé cristã está baseada no fato central do mistério de Cristo. Tais constatações revestem de importância o discurso sobre o Cristo ressuscitado.

Isso não quer dizer, porém, que o único fundamento da fé cristã esteja na ressurreição, pois o anúncio de que Jesus é o ressurreto não está desassociado de sua missão e de sua paixão e morte de cruz (PANNENBERG, 2009, 371-372). A ressurreição está ligada à história concreta do homem Jesus de Nazaré. Seria uma ação de Deus no crucificado, pressupondo identificação entre o crucificado e o ressuscitado (PANNENBERG, 2009, 372). Essa abordagem é marcante no pensamento de Wolfhart Pannenberg. Sobre a importância do mesmo, Manuel Fraijó registrou:

Neste século [XX] ninguém mais como W. Pannenberg, constituiu todo seu edifício teológico sobre a historicidade da ressurreição de Jesus. Pannenberg se propôs falar responsabilmente sobre Deus. Por isso, é necessário relacioná-lo com a realidade total. Mas esta realidade ainda não chegou ao seu final. Surge, pois, a necessidade de que alguém nos antecipe esse final. Esse "alguém" é Jesus. Mas Jesus só antecipa o final se ressuscitou dentre os mortos. Portanto, o acesso a Deus, a possibilidade de falar responsabilmente dele passa pela ressurreição do cadáver de Jesus (FRAIJÓ, 1999, 725).

Sobre seu pioneirismo Torres Queiruga afirmou:

Poucos como Pannenberg contribuíram tanto em prol do avanço nas duas frentes fundamentais: 1) na renovação da cristologia, levando-a a um realismo que busca descobrir "a partir de baixo", com base na real humanidade de Jesus de Nazaré, a revelação de sua divindade; e 2) na nova compreensão da revelação, libertando-a do sobrenaturalismo extrínsecista e autoritário. (TORRES QUEIRUGA, 2010, 110).

Pannenberg contribuiu para uma nova escola de interpretação teológica. Está decidido em alicerçar a fé na história. "Até a ressurreição – afirma Pannenberg – a unidade de Jesus com Deus esteve oculta [...] e esteve oculta porque, todavia não se havia

decidido definitivamente sobre ela" (PANNENBERG, 1974, 398s.). Seu otimismo com relação à história tem gerado algumas críticas. Sustentando sua posição ao longo dos anos, o referido teólogo se situa no terreno da verdade histórica:

Não há justificção para afirmar a ressurreiçõ de Jesus como um evento que realmente aconteceu se não se deve ser afirmada como um evento histórico como tal. Se determinado evento aconteceu ou não há dois mil anos não é tornado certo pela fé, mas unicamente pela pesquisa histórica, na medida em que se pode obter certeza quanto a questões dessa espécie (PANNENBERG *apud* BRAATEN, 2005, 533).

De acordo com Ruiz Arenas a perspectiva de Pannenberg é diferente da perspectiva dos seus antecessores porque buscou apresentar a ressurreiçõ de Jesus principalmente em seu sentido apocalíptico (Ruiz Arenas, 2001, 395). Seu empenho fundamental seria mostrar o valor da ressurreiçõ como princípio hermenêutico para legitimar as pretensões de Jesus:

Não se pode compreender a pretensão de Jesus de ter o poder de Deus senão no contexto das tradições apocalípticas de Israel, ou seja, na esperança da revelação definitiva de Deus no final dos tempos e na esperança da ressurreiçõ dos mortos, que coincidirá com essa revelação. Mas essa pretensão tão grande de Jesus ao pregar a chegada do reino parece terminar no fracasso com sua morte na cruz. Por conseguinte, somente a experiência do Ressuscitado que os Apóstolos tiveram, depois da morte de Jesus, é que lhes permitiu verificar a legitimidade dessa pretensão (Ruiz Arenas, 2001, 398).

Em Pannenberg o método histórico determina não só a Revelação, mas também a teologia (PANNENBERG, 1973, 732-748). Em sua fundamentação cria um método novo e sistemático. De acordo com Duquoc esse novo método

recusa a distinção entre fato e valor, distinção tornada princípio primeiro a partir de Bultmann. W. Pannenberg, pelo contrário, faz um esforço por demonstrar que o sentido atribuído ao Kérigma deve ser imanente à própria realidade histórica de Jesus. Não foi como que importado de fora. O Kérigma não projeta sobre Jesus a convicção e a

reflexão da Comunidade. O Kérigma é o anúncio do sentido imanente à vida histórica de Jesus (DUQUOC, 1996,127).

E teriam como consequências:

W. Pannenberg se opõe, então, às teologias da pura significação. Recusa a dicotomia entre o Jesus da história, a respeito de quem pouco ou nada saberíamos, e o Cristo da fé. Não existe Cristo da fé a não ser pelo Jesus da história. W. Pannenberg elabora, pois, um método que lhe permite, é o que ele pensa, ultrapassar as oposições, ruinosas para o pensamento teológico, e reconciliar, enfim, teologia e história (DUQUOC, 1996, 127).

Mas não é simplesmente a volta da história ou apegar-se a uma das formas da volta ao Jesus da história. Implica em “situar o ‘caso’ de Jesus no quadro da história universal. Essa não tem sentido senão a partir de seu fim. Jesus pretende determinar integralmente o destino humano coletivo, e então a história, em relação a si mesmo” (DUQUOC, 1996, 129). E acrescenta: “A relação entre a pretensão histórica, pré-pascal, de Jesus e a Comunidade primitiva confessante, não basta para justificar uma resposta: a pretensão exige verificação. Essa é dada pelo evento Ressurreição” (DUQUOC, 1996, 129). Percebe-se que é a partir da Ressurreição que Pannenberg funda sua cristologia e a pretensão universal de Jesus em sua singularidade histórica.

Em Pannenberg, a revelação de Deus está acessível ao estudo e pesquisa históricos porque foi tornada pública na História. E a auto-revelação divina não estaria limitada à História de Israel, pois toda a história torna-se portadora da revelação de Deus. Isto porque Deus é o fundamento último da história (FRAIJÓ, 1986, 132). Pannenberg, portanto, propõe reformular a concepção hegeliana da História Universal a partir de seu sentido.

Por isso, Pannenberg propôs “Revelação como História”, isto é, a Revelação de Deus em atos na História que apontam para o seu sentido último e pleno. Não é propriamente a concepção hegeliana de

“História como Revelação”, ou seja, toda a História como manifestação do Absoluto (FRAIJÓ, 1986, 132). Pannenberg liga claramente a ressurreição de Jesus à espera do julgamento e à transformação final de toda a realidade criada. Ele identifica a ressurreição da humanidade como uma transformação tão radical que nada fica inalterado, e aponta a ressurreição de Cristo como o paradigma da nova vida (LA DUE, 2007, 139).

Para Pannenberg a ressurreição é um fato “proléptico”, isto é, uma antecipação do fim da história e da revelação definitiva. Ele entende que a revelação plena de Deus não é possível senão na totalidade da história, que é concebida em si mesma como revelação. Dessa forma, a revelação plena de Deus coincidirá com o término da história. E a ressurreição de Cristo foi uma antecipação do fim da história. Portanto, decidir-se a favor ou contra Jesus já é decidir a própria salvação eterna (PANNENBERG, 1974, 67-92).

Em outro texto ele afirma:

A partir do fim, que é a ressurreição, ele [Deus] é também revelado como o Deus do princípio [...] No evento da ressurreição de Jesus não somente o poder de Deus, mas também seu amor por nós foi revelado, pois a ressurreição de Jesus dá acesso aos homens como seres humanos, à vida futura; e o pecado, que os separa dele, é superado (PANNENBERG, 2004, 81).

Percebe-se claramente a centralidade da ressurreição na estrutura de seu pensamento. É na ressurreição de Jesus que Deus seria revelado, em seu poder e em seu amor. Contudo, ninguém poderia entender completamente a riqueza do que o evento Cristo teria a dizer. A revelação de Deus não o tornou completamente inteligível para nós. Por isso, veremos no próximo tópico o que Pannenberg entende por ressurreição de Jesus e quais seriam as principais implicações.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS NA REFLEXÃO PANNENBERGUIANA

Deus seria revelado no sentido total em Jesus, não podendo estar igualmente revelado em outra forma. Pannenberg afirma: “a ressurreição de Jesus e sua luz sobre o restante de toda a história e atos são a única revelação da divindade de um único Deus. De fato, o conceito exato da auto-revelação realmente implica que ela não pode acontecer de formas múltiplas” (PANNENBERG, 2004, 82). Mas, não seria possível compreender Deus totalmente. Isso deixa o futuro em aberto e cheio de possibilidades. É aqui que o conceito de trindade recobre importância fundamental para o referido autor: a divindade de Jesus, um com o Pai e no poder do Espírito da Verdade, seria revelada na ressurreição de Jesus. Estando o cristão unido a Jesus, passaria a ter certeza de que terá vida (PANNENBERG, 2004, 81).

Segundo Pannenberg, o cristianismo não se explicaria se Jesus não tivesse ressuscitado. Ele ressalta que a ressurreição é “constitutiva para a divindade do Pai e para a filiação de Jesus. Sem a ressurreição, o Pai anunciado por Jesus não seria Deus” (Pannenberg, 2009, 183). É por meio da ressurreição que Jesus anteciparia o fim da história, e esta antecipação possibilitaria o acesso a Deus. Por isso o evento da ressurreição não poderia ser compreendido isoladamente, mas deveria ser interpretado na mentalidade apocalíptica e experienciado a partir da expectativa escatológica (SANTANA, 2003, 163).

Em sua teologia, Pannenberg preocupa-se em provar a historicidade da ressurreição de Jesus, o que inclui considerar o sepulcro vazio e as aparições (PANNENBERG, 1974, 95). Não haveria razão para se afirmar que a ressurreição de Jesus foi um acontecimento se não se pudesse dizer o mesmo sob o ponto de vista histórico, embora seja historicamente atestada como um milagre (PANNENBERG, 2004, 100). Sobre a relação entre o túmulo vazio e as aparições na Galileia, Marcos Santana afirmou:

Para Pannenberg, os discípulos voltaram para a Galileia independentemente da descoberta do túmulo vazio e só tiveram conhecimento do fato ao voltarem para Jerusalém, após as aparições do ressuscitado. A tumba vazia, portanto, não pode ser explicada como resultado de uma elaboração teológica decorrente da fé pascal. Desse modo, para o autor, as tradições das aparições e do túmulo vazio se desenvolveram independentemente uma da outra. E, na medida em que elas se complementam mutuamente, nos possibilitam afirmar a realidade da ressurreição como um acontecimento historicamente comprovável e não como uma simples alucinação dos discípulos (SANTANA, 2003, 187).

Tendo como pressuposta a historicidade do túmulo vazio e que as aparições ocorreram no tempo e no espaço – não eram meras alucinações – foi preciso reconhecer também que a continuidade do que se sucedeu depois da ressurreição escapa à verificabilidade empírica (SANTANA, 2003, 164-165). De fato, Pannenberg desconfia da força provável das aparições e da tumba vazia, sobretudo por seu caráter lendário e apologético. O peso de provar a historicidade da ressurreição não poderia recair sobre elas. A prova mais fidedigna do ponto de vista teológico estaria na primeira carta aos Coríntios (FRAIJÓ, 1999, 725).

Mas a historicidade da ressurreição não se limitaria ao tempo e espaço. Como apontado anteriormente, Pannenberg reconhece que a ressurreição escapa ao controle do empiricamente comprovável. Mais do que isso, como bem observa Santana, para Pannenberg, “a ressurreição de Jesus é uma ação de Deus que se dá a partir do alto e que transforma o corpo sárquico de Jesus em um corpo pneumático” (SANTANA, 2003, 201). Essa realidade só seria percebida historicamente de forma indireta.

Pannenberg afirma: “é somente do Deus da Bíblia que a realidade na qual vivemos foi revelada como história, como um evento que é sempre novo e aberto ao futuro, o qual aponta na direção de possibilidades imprevisíveis que podem ser entendidas a luz do futuro

derradeiro, ou do fim dos tempos” (PANNENBERG, 2004, 23). Essa abertura abarcaria o ser humano, que de algum modo já não se basta em si mesmo. É nessa busca pelo que o ultrapassa que o homem pode relacionar-se com o outro. Junto com Lévinas, Pannenberg pode concluir que é justamente a transcendência que faz o homem humano.

Esse ser humano aberto ao outro por causa da sua abertura ao transcendente teria esperança na ressurreição, tendo Jesus, na linguagem paulina, como “primícias”. A ressurreição de Jesus garantiria a realização dos cristãos no futuro:

Nosso vínculo com a morte de Jesus, com suas falas, seu sofrimento e cruz, também garantem nossa participação futura no que já apareceu somente em Jesus, e também compartilhar a vida da ressurreição, na qual o destino do homem alcança a sua consumação (PANNENBERG, 2004, 100-101).

A ressurreição de Jesus, portanto, seria o começo de tudo. Nela estaria o sentido e a meta final. Ela seria o começo da ressurreição universal e do fim do mundo:

O significado da ressurreição de Jesus esteve unido originalmente com a ideia de que ela constituiu unicamente o começo da ressurreição universal dos mortos e do fim do mundo. Somente sob esse pressuposto, com a ressurreição de Jesus o fim é uma realidade atual. Somente como início do fim, do juízo levado a cabo pelo filho do homem, com cujo título se espera ao mesmo Jesus, somente assim a ressurreição de Jesus poderia conceber-se como uma confirmação da sua pretensão pré-pascal de poder, e em especial como uma confirmação de suas palavras sobre o filho do homem que havia de vir e de seu juízo segundo o critério da atitude que os homens tomaram a respeito a Jesus (PANNENBERG, 1974, 132).

A ressurreição de Jesus, portanto, confirmaria sua vida e obra. Por isso Pannenberg pode concluir que Jesus mostra-se como o revelador de Deus, justamente porque ele é o executor do fim (PANNENBERG, 1974, 133) e “a ressurreição de Jesus pode ser vista em seu significado

completo como a erupção da consumação de toda a história" (PANNENBERG, 2004, 100).

Pannenberg apresentou três argumentos que sustentariam o caráter histórico da ressurreição de Jesus: antropológico, da tradição e de linguagem. Marcos Santana resume assim: "Esse acontecimento – realizado por Deus em Jesus Cristo – seria histórico, porque responde inicialmente aos anseios mais profundos do ser humano (argumento antropológico), que comporta uma tradição (argumento da tradição) e pode ser expresso a partir de uma metalinguagem, possibilitando a compreensão de sua realidade (argumento de linguagem)" (SANTANA, 2003, 201).

CONCLUSÃO

A ressurreição de Jesus é o fundamento da cristologia pannenberguiana, bem como de todo seu pensamento teológico. Assim, para ele, a ressurreição não pode ficar relegada a uma interpretação meramente subjetivante dos discípulos. Requer-se um fato, um acontecimento real. Contrariando o positivismo e a filosofia neokantiana, que influenciava para uma interpretação a partir de fatos "puros", desassociados de seus significados na história, Pannenberg defende que para a fé cristã, os significados salvíficos do evento crístico partem da *história* de Jesus. Nesse sentido, supera a *Teologia da Palavra* bultmanniana e a barthiana (SANTANA, 2003, 6). Para Pannenberg a ressurreição deve ser considerada como um acontecimento histórico. Ao tratar a *revelação* na história, confere à fé cristã singularidade e valor universal. Nesse sentido, a *revelação* permaneceria *revelação* mesmo quando o homem não se dispusesse ou buscasse compreendê-la. Segundo esse modelo, a *revelação* dá-se exclusivamente por meio de atos históricos. E a ressurreição de Jesus é o ato histórico revelacional fundante.

REFERÊNCIAS

- BRAATEN, Carl E. "A pessoa de Jesus Cristo". In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática cristã*. vol. 1. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 455-551.
- DUQUOC, Ch. *Cristologia*, ensaio dogmático II: o messias. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRAIJÓ, Manuel. "Ressurreição". In: SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J.J. (Eds.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 719-730.
- _____. *El sentido de la historia: introducción al pensamiento de W. Pannenberg*. Madrid: Cristiandad, 1986.
- KASPER, Walter; SCHILSON, Arno. *Cristologia: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 1990.
- LACUEVA, Francisco. *Diccionario teologico ilustrado*. Barcelona: CLIE, 2001.
- LA DUE, William J. *O guia trinitário para a escatologia*. São Paulo: Loyola, 2007.
- PANNENBERG, W. *Fundamentos de cristología*. Salamanca: Sígueme, 1974.
- _____. *Fé e realidade*. São Paulo: Fonte; Novo Século, 2004.
- _____. *Teologia sistemática*. 3 vols. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.
- _____. "Fundamentação cristológica de uma antropologia cristã". In: *Concilium*. 6. 1973, p. 732-748.
- RUIZ ARENAS, Octavio. *Jesus, epifania do amor do Pai*. 2. ed. Bogotá: Celam; São Paulo: Loyola, 2001.
- SANTANA, Marcos Antonio. *Verdadeiro homem, verdadeiro Deus: fundamentos cristológicos da antropologia cristã na reflexão de Wolfhart Pannenberg*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003 (tese doutoral).

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

David Mesquiati de Oliveira

*Doutor em teologia (PUC-Rio),
Pós-doutorando em teologia(PUC-Rio),
mestre em teologia (EST)
Pós-graduado em Educação (Claretiano),
Bacharel em Teologia (EST)
e em Ciências Econômicas (UFES),
Docente do PPGCR (UNIDA).*

COMO CITAR ESTE ARTIGO

OLIVEIRA, David Mesquiati. "A ressurreição de Jesus na visão de Wolfhart Pannenberg: uma análise do discurso religioso". *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 1, jan.-jun., 2014, p. 121-132. Disponível em:
< <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.